



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0299/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 02/11/2025

### Vice-ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita participa do Diálogo de Manama no Bahrein



O Vice-ministro saudita das Relações Exteriores, Waleed Al-Khuraiji, participou ontem da sessão de abertura do Diálogo de Manama 2025 no Bahrein. O evento, agora em sua 21ª edição, busca abordar as questões regionais e internacionais mais urgentes e discute a cooperação multilateral voltada para alcançar segurança, estabilidade e prosperidade.

Al-Khuraiji, que participou das negociações em nome do ministro das Relações Exteriores, encontrou-se com Anne-Claire Legendre, conselheira do presidente francês para assuntos do Médio Oriente e Norte de África, à margem do evento.

Os dois lados discutiram as relações entre seus países e maneiras de fortalecê-las e desenvolvê-las, bem como várias questões regionais e internacionais, disse o Ministério das Relações Exteriores saudita no X. **Fonte-Arab News.**

## Reino afirma compromisso com o direito humanitário



**O 18º Workshop Sênior sobre Regras Internacionais que Regem as Operações Militares começou ontem em Riade - a primeira vez que o Reino sediou o evento.**

O 18º Workshop Sênior sobre Regras Internacionais que Regem as Operações Militares começou ontem em Riade - a primeira vez que o Reino sediou o evento. O evento deste ano foi organizado pela Universidade de Defesa Nacional do Ministério da Defesa em parceria com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. O workshop foi inaugurado pelo chefe do Estado-Maior, tenente-general Fayyad Al-Ruwaili, e pela presidente do CICV, Mirjana Spoljaric Egger, com a participação de 125 oficiais militares de 90 países.

Al-Ruwaili ressaltou o compromisso do Reino em respeitar, promover e fortalecer a aplicação do Direito Internacional Humanitário em operações militares. Ele disse que os líderes do Reino da Arábia Saudita prestaram "grande atenção ao direito internacional humanitário, promulgando legislação que criminaliza as violações das leis de guerra e garantindo a responsabilização por meio de uma forte estrutura legal e institucional, incluindo tribunais especializados".

Al-Ruwaili também observou que o Reino foi uma das primeiras nações a aderir às quatro Convenções de Genebra e seus Protocolos Adicionais, um compromisso que, segundo ele, se alinha com "os ensinamentos tolerantes da Sharia islâmica, que pedem misericórdia, justiça e conduta humana mesmo em tempos de guerra".

Al-Ruwaili também destacou que o Ministério da Defesa integrou os princípios do Direito Internacional Humanitário em seus programas de educação e treinamento militar para garantir sua aplicação prática em todas as forças armadas e ofereceu a ampla gama de programas de treinamento especializado do ministério, muitas vezes realizados em cooperação com o CICV, como um exemplo da "aspiração do Reino de servir como um modelo global na aplicação e treinamento do Direito Internacional".

Al-Ruwaili disse que o compromisso do Reino vai além da esfera militar para incluir esforços humanitários e de socorro, citando o trabalho da agência de ajuda saudita KSrelief em zonas de conflito e desastre em todo o mundo.

Egger observou que o evento deste ano ocorre "em um momento crucial em meio ao aumento global do número e da intensidade dos conflitos, o que coloca imensa pressão sobre as leis destinadas a proteger os civis". Ela enfatizou a responsabilidade compartilhada de todos os Estados de respeitar – e garantir o respeito – pelo Direito Internacional Humanitário e expressou gratidão ao Reino por sediar o evento, que se destina a ajudar a garantir a aplicação prática das regras escritas de guerra no campo de batalha. **Fonte-Arab News.**

## Festival do Japão em Riade celebra 70 anos de laços diplomáticos



A Embaixada do Japão em Riade organizou na passada sexta-feira o Festival no Palácio Cultural do Bairro Diplomático.

A Embaixada do Japão em Riade organizou na passada sexta-feira o Festival do Japão no Palácio Cultural do Bairro Diplomático para comemorar os 70 anos de relações diplomáticas entre o Reino da Arábia Saudita e o Japão.

O evento, que contou com a presença de figuras culturais, líderes econômicos, funcionários do governo e diplomatas, teve como objectivo promover o intercâmbio cultural e destacar a crescente parceria entre as duas nações nos campos cultural, econômico e educacional.

O festival apresentou uma mistura de cultura japonesa tradicional e moderna, incluindo tambores Wadaiko, dança Kabuki, música Tsugaru Shamisen e exposições de artesanato, caligrafia, trajes tradicionais e artes culinárias. Uma exposição de acompanhamento também contou com empresas japonesas que operam no Reino.

O embaixador japonês Morino Yasunari disse que a profunda amizade está entrando em uma nova fase de cooperação, impulsionada pelo desenvolvimento abrangente do Reino da Arábia Saudita sob a Visão 2030.

Ele acrescentou que a cooperação cultural fortalece os laços humanos e econômicos e destacou a importância da diplomacia cultural na construção de pontes entre os dois povos. **Fonte-Arab News.**

## Reino Saudita prende 21.651 ilegais em uma semana

Autoridades sauditas prenderam 21.651 pessoas em uma semana por violarem os regulamentos de residência, trabalho e segurança de fronteira, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. Um total de 12.745 pessoas foram presas por violações das leis de residência, enquanto 4.577 foram detidas por tentativas ilegais de travessia de fronteira e outras 4.329 por questões trabalhistas.

O relatório mostrou que entre as 1.689 pessoas presas por tentarem entrar ilegalmente no Reino, 53% eram etíopes, 46% iemenitas e 1% eram de outras nacionalidades. Outras 59 pessoas foram presas tentando cruzarem para países vizinhos e 21 foram detidas por envolvimento no transporte e abrigo de infractores.

O Ministério do Interior disse que qualquer pessoa que esteja facilitando a entrada ilegal no Reino, incluindo o fornecimento de transporte e abrigo, pode enfrentar prisão por um período máximo de 15 anos, uma multa de até SR1 milhão (US \$ 267.000), bem como confisco de veículos e propriedades. Suspeitas de violações podem ser relatadas para o número gratuito **911** nas regiões de Meca e Riade, e **999** ou **996** em outras regiões do Reino. **Fonte-Arab News.**

## Cinco coisas para saber sobre o Grande Museu Egípcio



Um veículo da polícia está estacionado ao longo do anel viário perto de uma faixa anunciando a abertura do Grande Museu Egípcio (GEM), no Cairo, em 1º de novembro de 2025.

Perto das antigas Pirâmides de Gizé, nos arredores do Cairo, o Grande Museu Egípcio (GEM) teve a sua luxuosa inauguração, após duas décadas de atrasos. Estátuas maciças e artefatos históricos da antiga civilização do país estarão em exibição nos 24.000 metros quadrados (258.000 pés quadrados) de espaço de exposição permanente. Aqui estão cinco coisas para saber sobre o tão esperado museu, que as autoridades egípcias chamaram de "o maior edifício cultural do século 21".

### - A Quarta Pirâmide -

Uma imitação das pirâmides próximas de Quéops, Quéfren e Miquerinos, a estrutura triangular de vidro do museu foi projectada pela empresa irlandesa Heneghan Peng Architects. O complexo de última geração - apelidado de "quarta pirâmide" do Planalto

de Gizé - abriga cerca de 100.000 artefatos das 30 dinastias dos faraós do antigo Egipto. Cerca de metade da colecção está em exibição, com o restante mantido em armazenamento. A imponente instalação de US \$ 1 bilhão, que está em construção há mais de 20 anos, deve atrair mais de 5 milhões de visitantes todos os anos. O Governo espera que o museu desempenhe um papel central na revitalização de uma economia egípcia abalada pela dívida e pela inflação.

#### **- Estátua de Ramsés II -**

Uma estátua de granito de 11 metros (36 pés) de Ramsés, o Grande, cumprimenta os visitantes no vasto átrio de entrada. Ramsés II - o terceiro Rei da 19ª Dinastia - reinou há mais de 3.000 anos (1279-1213 aC) e está entre os maiores de todos os faraós egípcios. Sua estátua percorreu o mundo duas vezes, atraindo milhões de visitantes em 1986 e depois de 2021 a 2025. O GEM será a casa final da estátua após várias realocações desde sua descoberta em 1820 perto de um templo na antiga Memphis, ao sul do Cairo. De 1954 a 2006, a estátua ficava em frente à principal estação ferroviária do Cairo.

#### **- Tesouros de Tutancâmon -**

Uma galeria é dedicada aos 5.000 artefactos da colecção do Rei Tutancâmon, a figura mais conhecida do Egipto Antigo. A colecção completa está em um só lugar pela primeira vez desde que o arqueólogo britânico Howard Carter descobriu a tumba do famoso faraó no Vale dos Reis, perto de Luxor, em 1922. O sarcófago coberto de ouro do Rei menino e sua máscara funerária, incrustada com lápis-lazúli, serão o centro das atenções na abertura de ontem sábado. Após anos de debate, testes genéticos realizados no início dos anos 2010 sugeriram que a malária e uma doença óssea levaram à morte do Faraó aos 19 anos.

#### **- Barcos solares -**

Um edifício separado foi projectado para o barco solar de 4.600 anos do Faraó Khufu, um dos maiores e mais antigos artefactos de madeira da antiguidade. O barco de madeira de cedro e acácia de 44 metros de comprimento foi descoberto em 1954 perto da Grande Pirâmide de Quéops - a maior das três estruturas. Nos próximos três anos, os visitantes também poderão observar especialistas por trás de uma parede de vidro enquanto restauram outro barco descoberto em 1987.

#### **-Panorama-**

O museu foi parcialmente aberto ao público em outubro de 2024. Lançada em 2002 sob o então Presidente Hosni Mubarak, sua inauguração foi adiada pela turbulência política após o levante de 2011, a pandemia de Covid-19 e conflitos regionais. O GEM é construído em torno de uma escadaria colossal de seis andares ladeada por estátuas gigantescas e tumbas antigas que levam a uma janela panorâmica com vista para as pirâmides próximas. Doze galerias principais traçam a civilização ao longo de 5.000 anos de história, desde os tempos pré-históricos até a era romana. O complexo também inclui áreas de armazenamento abertas a pesquisadores, laboratórios e oficinas de restauração. Ele será aberto ao público em 4 de novembro. **Fonte-AFP.**

## Presidente do Irão diz que Teerão reconstruirá suas instalações nucleares



O presidente iraniano Masoud Pezeshkian (esquerda) e Mohammad Eslami, chefe da Organização de Energia Atômica do Irão, durante uma visita à Organização de Energia Atômica do Irão, para se reunir com gerentes seniores da indústria nuclear em Teerão.

Teerão reconstruirá suas instalações nucleares "com mais força", disse hoje o presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, à imprensa estatal, acrescentando que o país não busca uma arma nuclear. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, alertou que ordenaria novos ataques às instalações nucleares do Irão caso Teerão tentasse reiniciar as instalações que os Estados Unidos bombardearam em junho.

Pezeshkian fez seus comentários durante uma visita à Organização de Energia Atômica do país, durante a qual se reuniu com gerentes seniores da indústria nuclear do Irão. "Destruir prédios e fábricas não criará um problema para nós, vamos reconstruir e com maior força", disse o presidente iraniano à imprensa estatal. **Fonte-Reuters.**

## Sultanato de Omã pede ao Irão e EUA que retomem negociações nucleares



Um homem lê um jornal em uma rua de Teerão em 12 de abril de 2025, com a primeira página apresentando as negociações Irão-EUA sobre o programa nuclear iraniano programadas para começar em Omã no mesmo dia.

O Sultanato de Omã, que sediou várias rodadas de negociações nucleares entre EUA e Irão que foram prejudicadas pela guerra entre Israel e Irão em junho, pediu ontem aos países que voltem à mesa de negociações. "Queremos retornar às negociações entre o Irão (e) os Estados Unidos", disse o ministro das Relações Exteriores do Sultanato de

Omã, Badr Albusaidi, durante um painel na conferência IISS Manama Dialogue no Bahrein. O Sultanato de Omã, intermediário tradicional do Irão, sediou este ano cinco rondas de negociações EUA-Irão. No entanto, "apenas três dias antes da sexta e possivelmente decisiva ronda de negociações, Israel lançou suas bombas e mísseis em um acto ilegal e mortal de sabotagem", disse Albusaidi. As negociações visavam um novo acordo que restringiria as actividades nucleares do Irão em troca do alívio das sanções. Os países ocidentais, incluindo os Estados Unidos, há muito acusam o Irão de tentar adquirir armas atômicas, enquanto o Irão insiste que seu programa nuclear é para fins pacíficos. **Fonte-Reuters.**

## Turquia deve pedir acção em Gaza o mais rápido possível



As relações entre a Turquia e Israel atingiram novos mínimos durante a guerra de Gaza.

O ministro das Relações Exteriores da Turquia, Hakan Fidan, deve convocar amanhã uma reunião em Istambul para que sejam feitos arranjos o mais rápido possível para garantir a segurança e a administração de Gaza pelos palestinos, disse hoje uma fonte do Ministério das Relações Exteriores.

Os ministros das Relações Exteriores do Qatar, Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Paquistão e Indonésia devem participar da reunião sobre os desenvolvimentos do cessar-fogo e a situação humanitária em Gaza, disse a fonte do Ministério das Relações Exteriores turco. A fonte disse que Fidan deve "ênfaticamente a importância da acção coordenada dos países muçulmanos para que o cessar-fogo evolua para uma paz duradoura". A fonte disse que Fidan deve dizer à reunião que Israel está "dando desculpas" para acabar com o cessar-fogo e ênfaticamente a necessidade de a comunidade internacional "assumir uma posição resoluta contra as acções provocativas de Israel". Ele também disse que a ajuda humanitária que entra em Gaza é insuficiente e que Israel não cumpriu suas obrigações a esse respeito.

As relações entre a Turquia e Israel atingiram novos patamares durante a guerra de Gaza, com o presidente Tayyip Erdogan criticando duramente os ataques de Israel ao enclave. A Turquia ajudou a persuadir o Hamas a aceitar o plano de paz de Trump e expressou vontade de participar de uma força-tarefa internacional para monitorar a implementação do cessar-fogo. No entanto, o ministro das Relações Exteriores de Israel, Gideon Saar, disse na segunda-feira passada que Israel não aceitará a presença de forças armadas turcas em Gaza sob o plano dos EUA para acabar com a guerra. **Fonte-Reuters.**

## Líder sírio discutirá sanções e reconstrução em visita aos EUA



O enviado especial dos EUA, Tom Barrack, disse que Sharaa visitaria Washington e aconteceria por volta de 10 de novembro.

O presidente da Síria discutirá questões como a suspensão das sanções restantes, a reconstrução e o combate ao terrorismo quando se tornar o primeiro líder do país a fazer uma visita oficial a Washington, disse hoje o ministro das Relações Exteriores.

Ahmed Al-Sharaa é esperado na capital dos EUA no início de novembro, disse o principal diplomata da Síria, Asaad Al-Shaibani, em um painel no Diálogo de Manama, no Bahrein. "Esta visita é certamente histórica", disse ele. "Muitos tópicos serão discutidos, começando com o levantamento das sanções", disse Shaibani, acrescentando: "Hoje estamos lutando (contra o Estado Islâmico) ... qualquer esforço nesse sentido requer apoio internacional". As discussões também girarão em torno da reconstrução após mais de uma década de guerra, disse ele. O Ministério das Relações Exteriores em Damasco confirmou que a viagem seria a primeira visita de um presidente sírio à Casa Branca. Ontem, o enviado dos EUA para a Síria, Tom Barrack, disse que Sharaa estava indo para Washington "esperançosamente" para assinar um acordo para se juntar à aliança internacional liderada pelos EUA contra o Daesh. Embora seja a primeira visita de Sharaa a Washington, será a segunda aos EUA depois de uma viagem histórica da ONU em setembro, onde o ex-jihadista se tornou o primeiro presidente sírio em décadas a discursar na Assembleia Geral da ONU em Nova York. Em maio, o líder interino, cujas forças islâmicas derrubaram o governante de longa data Bashar Assad no final do ano passado, encontrou-se com o presidente dos EUA, Donald Trump, pela primeira vez em Riade, durante uma visita histórica que levou o líder dos EUA a prometer suspender as sanções econômicas à Síria.

### **Negociações com Israel**

A Síria e Israel permanecem tecnicamente em guerra, mas abriram negociações directas depois que Assad foi derrubado por uma coalizão liderada por islâmicos em dezembro passado. Trump expressou esperança de que a Síria se junte a outros países árabes que normalizaram os laços com Israel sob os chamados Acordos de Abraão. Mas Shaibani disse que "em relação à Síria e aos Acordos de Abraão, esta é uma questão que não está sendo considerada e não foi discutida". Uma autoridade síria disse no início deste ano que a Síria espera finalizar acordos militares e de segurança com Israel em 2025, no que seria um avanço menos de um ano após a queda de Assad. Desde dezembro, Israel enviou tropas para uma zona tampão patrulhada pela ONU que separa as forças dos países e lançou centenas de ataques na Síria. Damasco não retaliou. "Não queremos que a Síria entre em uma nova guerra, e a Síria não está actualmente em posição de ameaçar

qualquer parte, incluindo Israel", disse Shaibani. Ele disse que as negociações em andamento estavam focadas em "chegar a um acordo de segurança que não prejudique o acordo de 1974 (cimentando um cessar-fogo com Israel) e não legitime nenhuma nova realidade que Israel possa impor no sul". **Fonte-Reuters.**

## Países do Golfo não são bem-vindos a investir em Portugal



**Portugal está a afugentar os investimentos com origem nos países do Golfo Pérsico.**

A responsabilidade é do agravamento em 7,5% do Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI) e de 10% no Imposto Municipal sobre Transmissões Onerosas (IMT). A medida foi introduzida no Orçamento do Estado para 2021 (OE2021), através de uma proposta do partido ‘Os Verdes’, que com CDU e Bloco de Esquerda suportavam a chamada ‘geringonça’ do governo do Partido Socialista (PS). A proposta de lei do OE2021 introduziu novas disposições legais no código do IMI e do IMT.

Estas mudanças aplicam-se a entidades que tenham em Portugal imóveis que sejam controlados, directa ou indirectamente, “por uma entidade com domicílio fiscal em país, território ou região sujeito a um regime fiscal mais favorável”. A identificação destes estados foi concretizada numa lista aprovada pelo Ministério das Finanças, que os designou como “paraísos fiscais”. A lista tem 79 países, sete vezes mais do que a lista negra da União Europeia, onde constam apenas 11 jurisdições. Significativo é também o facto de Portugal ter celebrado convenções para evitar a dupla tributação internacional e ter ainda acordos de troca de informações em matéria fiscal com 20 destes países.

Este enquadramento tributário mais gravoso está a impossibilitar o investimento em Portugal de países do Golfo. É o caso de países ricos como o Bahrain, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Qatar ou o Sultanato de Omã, entre outros, alguns deles com poderosos fundos soberanos que investem em toda a Europa. Toda esta situação foi exposta numa carta enviada em 2021 pela Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários (APPII), em conjunto com a consultora EY, a que o Jornal Económico teve acesso. O agravamento fiscal é aplicado sobre bens imóveis situados no território nacional, armazéns, fábricas, parques eólicos ou solares, imóveis para exploração, rendimento ou venda. No mesmo documento, APPII e EY demonstram “concordar parcialmente” com a proposta do partido, mas não com a versão que acabou por abarcar quase oito dezenas de países. A consultora e a associação julgam que “não terá sido a intenção do legislador” aplicar as taxas agravadas a entidades portuguesas que sejam controladas, directa ou indirectamente, por entidades residentes em todas as jurisdições incluídas na lista de paraísos fiscais. A intenção inicial seria aplicar a sobrecarga de

impostos apenas a jurisdições com as quais Portugal não tivesse um acordo para evitar a dupla tributação e que também previsse a troca de informações tributárias. Como é possível existirem estes acordos e, ainda assim, um estado aparecer na lista negra – interrogam-se os fiscalistas. “As referidas alterações têm tido um impacto significativo no investimento estrangeiro em Portugal, ocorrendo manifestações por parte de investidores da sua intenção de recuar na decisão de investimento em Portugal ou mesmo do desinvestimento total no mercado português optando por mercados mais estáveis tais como Espanha, Itália, Grécia”, lê-se no documento.

Como tal, a APPII e EY alertam nesta carta, que passou pelos ministérios das Finanças e Economia, pela secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais do PS e Ministério dos Negócios Estrangeiros, que o simples facto de os Emirados Árabes Unidos, Qatar ou o Sultanato de Omã estarem na lista de paraísos fiscais tem como consequência que “qualquer fundo soberano ou investidor privado com domicílio fiscal numa destas jurisdições passe a ver como economicamente inviável e perigoso qualquer investimento em Portugal”. Perante este quadro, os promotores imobiliários pedem uma reflexão sobre o mérito, extensão e consequências das normas aprovadas no OE2021, para encontrar um compromisso entre os objectivos finais das mesmas e os resultados alcançados. “Caso contrário, é expectável um retrocesso no investimento estrangeiro em Portugal, que acabará por ser desviado para outras jurisdições europeias, com regimes fiscais mais estáveis e que não preveem esta discriminação e penalização fiscais para as jurisdições que nos referimos em maior detalhe nesta exposição”. Apesar deste cenário, Portugal tem-se esforçado para captar investimento através de visitas internacionais a países do Golfo Pérsico, como foram os casos da missão empresarial aos Emirados Árabes Unidos em 2024 pela Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa e, em fevereiro de 2025, da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa ao Qatar e Kuwait. “É claramente contraditório com as medidas que foram adoptadas no OE2021”, salienta a APPII. **Fonte-Jornal Económico.**

## O que são terras raras e por que são centrais para acordo EUA-China



Donald Trump e Xi Jinping apertam as mãos em meio a campo de terras raras

A China concorda em flexibilizar restrições sobre materiais cruciais para tecnologia moderna, após meses de negociações tensas com os Estados Unidos. No acordo da passada quinta-feira (30), a China concordou em reverter essas regras recentemente

impostas, embora as restrições iniciais reveladas em abril pareçam permanecer em vigor. O acordo comercial entre os EUA e a China busca resolver um importante ponto de atrito em sua guerra comercial em curso: os minerais de terras raras. Apesar de várias rondas de negociações com representantes comerciais americanos nos últimos meses, a China continuou postergando as promessas feitas à administração Trump de liberar metais de terras raras cruciais, e garantias anteriores de licenças aceleradas para empresas americanas nunca se concretizaram.

Pequim chegou a apertar ainda mais o controle no início deste mês, expandindo massivamente suas restrições. A disputa sobre terras raras precede a actual administração; há anos a China tem construído um controle quase total sobre esses minerais como parte de sua política industrial mais ampla.

### **O que são terras raras e elas são realmente "raras"?**

Terras raras incluem 17 elementos metálicos da tabela periódica, compostos por escândio, ítrio e os lantanídeos. O nome "terras raras" é um pouco enganoso, já que os materiais são encontrados por toda a crosta terrestre. Eles são mais abundantes que o ouro, mas são difíceis e caros de extrair e processar, além de causarem danos ambientais.

### **Para que são usadas as terras raras?**

As terras raras estão presentes em tecnologias do dia a dia, desde smartphones até turbinas eólicas, luzes LED e TVs de tela plana. São cruciais para baterias de veículos eléctricos, além de aparelhos de ressonância magnética e tratamentos contra o câncer. As terras raras também são essenciais para o exército americano. São utilizadas em caças F-35, submarinos, lasers, satélites, mísseis Tomahawk.

### **De onde vêm as terras raras?**

61% da produção minerada de terras raras vem da China, de acordo com a Agência Internacional de Energia, e o país controla 92% da produção global na etapa de processamento. Existem dois tipos de terras raras, categorizadas por seus pesos atômicos: pesadas e leves. As terras raras pesadas são mais escassas, e os Estados Unidos não possuem capacidade para separar esses elementos após sua extração. "Até o início do ano, todas as terras raras pesadas que minerávamos na Califórnia ainda eram enviadas para a China para separação", disse à CNN Internacional Gracelin Baskaran, directora do Programa de Segurança de Minerais Críticos do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. No entanto, o anúncio da administração Trump de tarifas altíssimas sobre a China em abril interrompeu esse processo. "A China demonstrou disposição para usar como arma" a dependência americana na separação de terras raras, afirmou ela. Segundo Baskaran, os EUA possuem apenas uma mina de terras raras em operação na Califórnia.

### **Por que as terras raras são importantes na guerra comercial?**

Pequim está usando as terras raras como importante instrumento de pressão na guerra comercial, e suas últimas restrições foram um dos principais tópicos de discussão quando Xi Jinping e Trump se encontraram na passada quinta-feira durante a cúpula da APEC na Coreia do Sul. No início deste mês, a China adicionou cinco elementos de

terras raras – hólmio, érbio, túlio, európio, itérbio, além de ímãs e materiais relacionados – à sua lista de controle existente, exigindo licenças de exportação. Isso eleva para 12 o total de terras raras restritas.

A China também passou a exigir licenças para exportar tecnologias de fabricação de terras raras para fora do país. Não é a primeira vez este ano que as restrições chinesas sobre terras raras irritam Trump. Em junho, Trump declarou no Truth Social que a China violou uma trégua comercial ao manter seus controles de exportação sobre sete minerais de terras raras e produtos associados. Os controles de exportação podem ter um impacto significativo, já que os EUA dependem fortemente da China para terras raras. Entre 2020 e 2023, 70% das importações americanas de compostos e metais de terras raras vieram do país, segundo relatório do Serviço Geológico dos EUA. Mas as últimas restrições da China foram vistas como uma dramática escalada na guerra comercial de Trump entre as duas maiores potências econômicas mundiais. **Fonte-CNN Brasil. Nectar Gan, John Liu, Donald Judd, Kylie Atwood, Phil Mattingly e David Goldman da CNN Internacional** contribuíram para esta reportagem. Tradução revisada por **André Vasconcelos\***

## G7 lança "aliança" para combater domínio da China sobre minerais críticos

Os ministros da energia dos países do G7 anunciaram, no Canadá, o lançamento de uma "aliança" para combater o domínio chinês sobre minerais críticos, para garantir um acesso mais confiável a esses recursos indispensáveis para as tecnologias.

Esta reunião de dois dias dos sete países teve lugar em Toronto poucas horas após a assinatura de um acordo entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o seu homólogo chinês, Xi Jinping, sobre o fornecimento de terras raras, utilizadas em vários produtos, desde painéis solares a mísseis de precisão.

"Um bom sinal", segundo a ministra alemã da Economia e Energia, Katherina Reiche, que destacou à imprensa em Toronto, citada pela agência AFP, a dependência do seu país das exportações chinesas de minerais críticos. "Temos de diversificar as nossas rotas de importação de matérias-primas", acrescentou. Foi tendo em mente o domínio crescente da China na refinação e transformação de terras raras que os chefes de Estado e de Governo do G7 lançaram, à margem da sua cimeira no Canadá em junho, um "Plano de Acção sobre Minerais Críticos". Este plano será formalizado com a criação da "Aliança para a Produção de Minerais Críticos", anunciou na passada quinta-feira o ministro da Energia do Canadá, Tom Hodgson.

O acordo terá como objectivo "estabelecer cadeias de abastecimento de minerais críticos transparentes, democráticas e sustentáveis à escala do G7", afirmou Hodgson. Nesse contexto, o Reino Unido, o Canadá, a França, a Alemanha, a Itália, o Japão e os Estados Unidos irão mobilizar investimentos privados para aumentar a produção de minerais críticos, contornando a China e reduzindo assim a sua influência nos mercados. Para o responsável pela divisão de minerais críticos da Agência Internacional de Energia, Tae-Yoon Kim, a reunião de Toronto oferece "uma oportunidade importante [...] para começar a redistribuir o poder no mercado". "A forte concentração da refinação de minerais críticos num único país cria riscos económicos e de segurança nacional", explicou à AFP. Embora muitos países possuam importantes reservas minerais, a China

domina graças à sua capacidade de processamento e refinação, nomeadamente de terras raras, utilizadas em muitos aparelhos de uso diário e de alta tecnologia. E como grande parte dos minerais passa por empresas controladas pela China, Pequim pode consolidar as suas reservas e controlar a oferta mundial. "Há anos que enfrentamos um concorrente que sistematicamente distorce os mercados, utiliza subsídios industriais, cria excesso de capacidade e prejudica o comércio justo", afirma Abigail Hunter, directora do Center for Critical Minerals Strategy, um grupo de reflexão com sede em Washington.

Para Hunter, os membros do G7 têm prioridades divergentes em matéria de política energética, nomeadamente em termos de transição para energias limpas, e as políticas comerciais proteccionistas de Donald Trump, que provocaram perturbações económicas mundiais, podem fragilizar a sua unidade em relação aos minerais críticos. Mas partilham uma preocupação comum sobre a "segurança do abastecimento", afirmou, enquanto a China impõe controlos mais rígidos sobre as exportações de terras raras. Segundo a responsável, um avanço real em Toronto passará por medidas concretas sobre rastreabilidade e transparência, a fim de reduzir a pegada no mercado mundial de empresas "opacas" controladas pela China e presentes em toda a cadeia de abastecimento. "A janela de oportunidade para resolver este problema ainda está aberta, mas é muito, muito pequena", advertiu Abigail Hunter, que instou os países do G7 a agirem rapidamente. **Fonte-Sapo Notícias.**

## China lança tecnologia que promete pôr fim à era dos caças furtivos



Caças F-22, F-35 e Rafale deixarão de ser "invisíveis" ao radar com a nova tecnologia

Pesquisadores chineses afirmam que começaram a fabricar em massa um **detector de fóton único**, um componente essencial para sistemas de **radar quântico** que poderiam detectar aeronaves furtivas. Este dispositivo foi desenvolvido no **Centro de Tecnologia e Engenharia de Informação Quântica** na província de Anhui e é descrito como um detector de **ruído ultrabaixo** e quatro canais, capaz de isolar fótons individuais e resistente a interferências de **guerra eletrônica**. No entanto, especialistas em defesa alertam que sem testes práticos e validados que demonstrem detecção consistente em condições reais, as alegações da China de neutralizar a tecnologia furtiva americana permanecem especulativas.

### Como funciona o detector de fóton único e quais são suas novas capacidades?

O **detector de fóton único**, como o nome sugere, é um dispositivo ultrasensível que pode detectar fótons individuais. Segundo o Jornal de Segurança Nacional, esse dispositivo entrou em produção em massa e é considerado o componente central de uma

futura rede de **radares quânticos**, o que pode colocar a China na vanguarda tecnológica.

- O detector chinês apresenta **quatro canais** para isolar fótons de diferentes origens, aumentando a robustez contra interferências.
- Novas informações indicam que o dispositivo pode operar de forma eficiente em ambientes com **altas taxas de ruído**, um avanço em relação a protótipos anteriores.
- Pesquisadores destacam que essa tecnologia poderá ser fundamental também em aplicações civis, como comunicações seguras e imageamento médico avançado.

### **O que é radar quântico e por que ele pode superar tecnologias furtivas?**

O **radar quântico** busca emitir fótons especialmente preparados e detectar as alterações em suas **propriedades quânticas** após retornarem de um alvo. Diferente do radar convencional, que se baseia no eco de ondas electromagnéticas, o radar quântico aproveita princípios como o **teorema de não clonagem** da mecânica quântica para impedir a replicação fiel de estados quânticos.

- Este princípio pode dificultar tentativas de enganar ou ocultar aeronaves, pois qualquer alteração no **estado quântico** revela interferência.
- Especialistas explicam que a detecção de um único fóton é fundamental para sistemas de **comunicação quântica** e detecção quântica, tornando o desenvolvimento do detector um potencial divisor de águas.

### **Quais podem ser as implicações do radar quântico na guerra eletrônica?**

Um aspecto essencial dessa inovação é a resistência teórica do **radar quântico** a muitas formas de guerra eletrônica e interferências. Enquanto radares convencionais podem ser burlados por **contramedidas eletrônicas**, o uso de **estados quânticos únicos** dificulta a simulação de retornos falsos. Além disso, a capacidade de operar com **emissões de baixa potência** reduz a possibilidade de detecção pelo inimigo. Países como os **EUA** e a **Rússia** também pesquisam tecnologias semelhantes, destacando uma corrida global por **superioridade quântica** no campo militar.

### **Quais são os desafios para implementar o radar quântico de forma prática?**

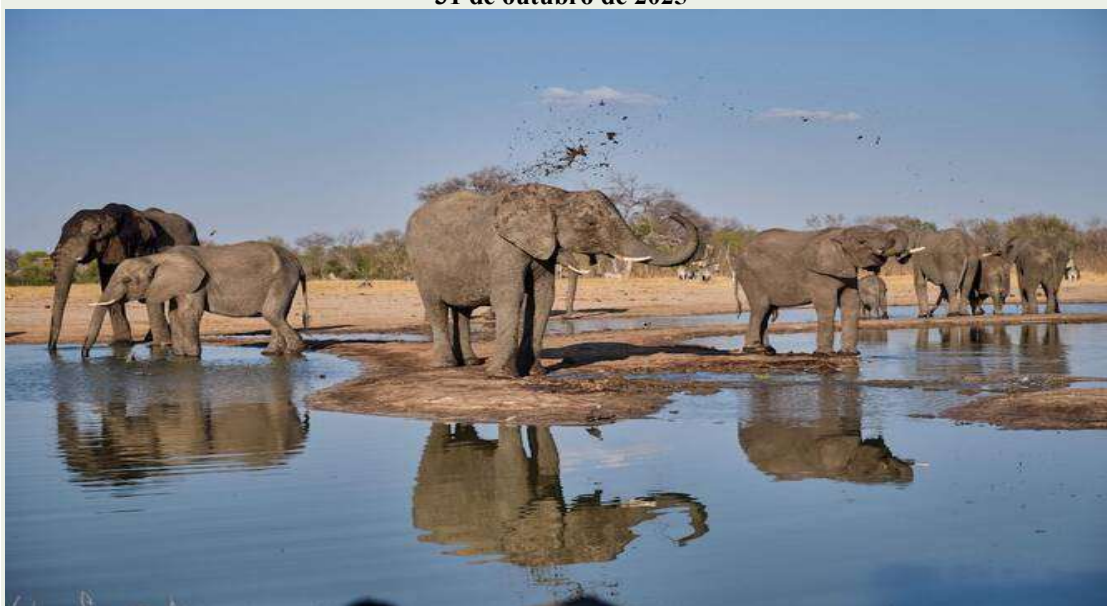
Apesar das afirmações otimistas dos pesquisadores chineses, faltam validações independentes dos resultados em ambiente real. Entre as dúvidas estão o **alcance efectivo** do detector, sua **confiabilidade** sob condições meteorológicas adversas e a viabilidade de sua integração em sistemas móveis, como **caças** e **navios**.

Até que se realizem **testes vivos** demonstrando detecção consistente de aeronaves furtivas em situações realistas e de combate, as alegações continuam especulativas. O desenvolvimento contínuo nesta área, porém, mostra que o **radar quântico** ainda é visto como uma tecnologia promissora para o futuro da defesa aérea global. **Fonte-Antagonista.**

## O forte foco do Banco Mundial no financiamento climático desvia recursos críticos da missão central de acabar com a pobreza



BJORN LOMBORG  
31 de outubro de 2025



**A maior parte da África continua bastante pobre, com pouco acesso à energia além da madeira e da energia hidrelétrica.**

Os EUA acabaram de dizer ao Banco Mundial para parar de ficar obcecado com o clima e voltar ao seu negócio principal de acabar com a pobreza. O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, pediu à instituição que remova os 45% do financiamento que dedica a projectos climáticos e, em vez disso, invista para "aumentar o acesso a energia acessível e confiável, reduzir a pobreza e impulsionar o crescimento".

O Reino da Arábia Saudita está supostamente alinhada com os EUA na oposição aos altos gastos climáticos. Há muitas evidências para apoiar essa decisão.

O Banco Mundial foi criado no final da Segunda Guerra Mundial para reconstruir a Europa e depois assumiu a missão de tirar os pobres da pobreza. Mas, assim como a ONU e muitas outras organizações internacionais, o banco iniciou seu caminho climático após o Acordo Climático de Paris em 2015, comprometendo bilhões com o clima e prometendo liderar o financiamento verde. No ano passado, despejou US \$ 42,6 bilhões em projectos climáticos. Esse é o dinheiro que não poderia ser usado para atender às necessidades mais desesperadas do mundo.

A pesquisa mostra repetidamente que, dólar por dólar, os principais investimentos em desenvolvimento - como melhorar a saúde materna, promover o e-learning ou aumentar os rendimentos agrícolas - oferecem benefícios muito maiores e mais rápidos do que os gastos climáticos.

Em contraste, apoiar os esforços dos países pobres para fazer cortes agressivos nas emissões produziria resultados insignificantes nas métricas de desenvolvimento ou clima. Medidas de adaptação, como defesas contra inundações, são um pouco melhores, mas ainda pálidas em comparação com estratégias de desenvolvimento comprovadas.

O presidente do Banco Mundial, Ajay Banga, defendeu firmemente suas metas climáticas. Ele disse que a pobreza e o clima devem ser combatidos em conjunto. Uma afirmação tão simplista simplesmente não passa em um teste de lógica.

Combater a pobreza por meio de nutrição, saúde e educação pode ajudar rapidamente centenas de milhões de pessoas a viver uma vida melhor a baixo custo. Combater a pobreza por meio da ação climática não fará nada até 2030 e, mesmo até o final do século, ajudará apenas minimamente.

No entanto, os custos da política climática chegam facilmente a trilhões, ao mesmo tempo em que prejudicam os pobres do mundo, aumentando os custos de fertilizantes e energia.

Como Bessent destacou, agora as nações em desenvolvimento precisam de energia barata e confiável para se industrializar, criar empregos e prosperar, assim como os países ricos fizeram há um século e a China nas décadas mais recentes.

A maior parte da África continua bastante pobre, com pouco acesso à energia além da madeira e da energia hidrelétrica. O africano pobre médio só consegue usar tanto combustível fóssil em um ano quanto um americano usa em menos de nove dias.

O Banco Mundial pretende conectar 300 milhões de africanos adicionais ao fornecimento de electricidade até 2030 por meio de sua iniciativa Mission 300. Este é um objectivo digno que corre o risco de ser sabotado por uma fixação sempre presente nas energias renováveis.

O parceiro da Missão 300 do banco, a Fundação Rockefeller, apregoa as energias renováveis como o "caminho mais econômico e rápido para a prosperidade". Isso é fantasia. Embora a energia solar e eólica possam ser mais baratas do que os combustíveis fósseis quando o sol está brilhando e o vento está soprando, é infinitamente caro sem sol ou vento.

A energia confiável requer backup extensivo que aumenta os custos e, em todo o mundo, as sociedades de alta energia solar e eólica experimentam custos de electricidade muito mais altos. É por isso que os países ricos, apesar de sua retórica verde, ainda obtêm mais de três quartos de sua energia de combustíveis fósseis.

As próprias pesquisas com clientes do Banco Mundial mostram que as pessoas nas nações mais pobres classificam o clima em uma posição baixa em sua lista de

preocupações. Enquanto os líderes africanos falam educadamente sobre questões verdes com a Fundação Rockefeller e o Banco Mundial, suas acções falam mais alto.

No ano passado, a África adicionou 5 quilowatts-hora de electricidade para cada pessoa de energia solar e eólica. Mas acrescentou quase cinco vezes mais de combustíveis fósseis, porque são mais baratos e confiáveis. Em toda a energia, não apenas na electricidade, a África aumentou um pouco o consumo de energia solar e eólica, mas aumentou o consumo de combustível fóssil em 22 vezes mais.

As alterações climáticas exigem acção, mas não à custa dos esforços para combater a pobreza. Os governos ricos devem investir em pesquisa e desenvolvimento há muito esperados para tecnologias verdes inovadoras: alternativas acessíveis e confiáveis que todos, ricos e pobres, adoptarão. É assim que podemos resolver os desafios climáticos sem sacrificar os vulneráveis.

Mais países precisam embarcar na missão de fazer com que o Banco Mundial se concentre na pobreza. Invadir fundos de desenvolvimento para iniciativas climáticas não é apenas equivocado, é uma afronta ao sofrimento humano.

**Bjorn Lomborg** é presidente do Consenso de Copenhague, pesquisador visitante da Hoover Institution da Universidade de Stanford e autor de "False Alarm" e "Best Things First".

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA  
NACIONAL DE ANGOLA  
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas  
alcançadas, construindo um futuro melhor